

Impedimentos sociais em Eça de Queiroz

Liana Flosky Manno
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A literatura romântica trouxe consigo o descontentamento em relação ao tipo de sociedade nova advinda da Revolução Industrial. O homem trazia consigo os ideais Iluministas de crença na Felicidade e o mito do amor romântico que estava associado a essa crença. Com as descobertas e avanços da ciência, suas ocupações aumentaram cada vez mais. Transformou-se em um ser preocupado em conservar sua fortuna e aumentá-la, passou a ser uma engrenagem na gigantesca máquina social. O homem procurava, em vão, uma unidade maior perdida, sem saber que ela nunca existira.

O amor-paixão vigorou em toda a literatura do séc. XIX. O sujeito sairá em busca de um objeto que o complete, para de dois formarem UM. Capturado por uma imagem, o sujeito se vê preso a esse objeto idealizado esperando encontrar no outro aquilo que lhe falta. A tão ambicionada felicidade estaria aí. No entanto essa felicidade jamais será conquistada, o objeto jamais suprirá aquilo que falta ao sujeito. O mundo exterior será acusado de ser o obstáculo para esse ideal de felicidade e, esse ideal de amor se transforma em dor e sofrimento. Na literatura romântica e realista o personagem masculino viverá esse conflito, tendo como resultado no romantismo, a angústia e o sofrimento, no realismo, o cinismo que ao final dissolve os conflitos em apologia do bem-estar do corpo. Já as mulheres, se ousam a desviar do padrão de virtude, são punidas com a morte.

No romantismo, o homem crê que alcançará a plenitude através do amor. O romântico sustenta essa verdade tentando tornar o impossível, possível (harmonia do ser) e o possível, em impossível no mundo (casar, amar). E isto através de um agente colocado como metáfora do mundo, isto é, o Mundo. Os personagens tornam-se impotentes diante da força do mundo. Segundo Ferreira:

Metáforas são petrificadas através de mensagens que insistem na repetição de que o amor é o remédio para todos os males causados em alguém que foi humanizado pela intervenção do significante (simbólico). E, justamente por isto, tornou-se um sujeito ímpar, para sempre submetido às leis das linguagens. Estes males nada mais são do que a experiência vivida de que alguma coisa falta. Entretanto, um dos rumos da imaginação do simbólico é denegar este impossível pela via do amor. A denegação do real como impossível é uma das múltiplas faces do que a psicanálise nomeia como castração. O amor-paixão, em vez de apontar para a fenda que envolve e preside qualquer relação entre sujeito e objeto, engendra o mito da Plenitude.

Inscrevem-se nesta modalidade os amores do romantismo e do realismo. (FERREIRA, 1996, p. 12).

Eça de Queirós vai trazer em sua obra, uma interrogação quanto à culpabilidade do mundo, para os fracassos das histórias de amor. Não havia mais como encobrir a culpa do sujeito e encobrir os buracos do mantozinho da moral que se punha em torno das coisas. Colocou, de uma forma ficcional, questões referentes à condição da existência humana, questões estas que estavam na pena dos principais filósofos e cientistas do século XIX. Não criou personagens que conseguissem superar as crises sociais: estes estão simplesmente retratando a miséria humana, colocados diante da inexorabilidade de determinados sentimentos, não lhes sobrando assim muitas alternativas. Ou seja: estão vencidos. Parece que pelas forças sociais, mas não. Estão vencidos por si mesmos. Devendo entrar nesse rol, personagens como Carlos (Os Maias) que, embora aparentemente ostente um bem-estar, ao final do romance é um vencido.

José Matias, conto publicado pela primeira vez na Revista Moderna, de Paris, no n. 2, de 25.06.1897, é sem dúvida uma obra-prima de Eça de Queirós. Um conto que permite inúmeras leituras, recusando-se a uma única interpretação. Trata-se de uma história de um amor espiritual com todos os ingredientes de uma história de amor romântica. O conto é narrado, por um amigo, professor de Filosofia, durante o enterro de José Matias. Irá relatar a história de José Matias desde Coimbra até a sua morte. A ambigüidade dominará a narrativa. O conto é relatado pelo ponto de vista do narrador, é a interpretação de um filósofo idealista, um metafísico.

O retrato físico de José Matias sugere seu perfil moral: um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre a boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, de uma elegância sóbria e fina . Os significantes usados para descrevê-lo: paladino e contemplativo nos revelam o amoroso platônico que viria a ser José Matias.

Eça irá colocar em questão a impossibilidade do amor e desbanca todas as desculpas colocadas até então para seus insucessos. Os românticos sempre acusaram o mundo de agente opressor, essas forças exteriores seriam os obstáculos para o tão sonhado projeto de felicidade e a não concretização da fórmula cara-metade. Só que em José Matias não será mais o mundo o agente opressor, o culpado de seu impedimento. A batalha é com ele mesmo. Estamos diante do que, décadas atrás, chamariam de um ultra-romântico com idealismos quixotescos, mas que não é nada disso: Eça o expõe cruamente em sua fragilidade e em seu desacordo consigo mesmo.

Sabemos que o amor não elimina a falta, porque faz parte da constituição do aparelho psíquico, nem o desconforto do homem no mundo. Freud em *Mal Estar na Civilização* indicou as fontes principais desse desconforto: as exigências imperativas da sociedade, a degradação do corpo, a morte e os conflitos inerentes aos laços sociais (amor, relações familiares, de trabalho e de amizade etc).

Além disso, existe algo que liga toda a literatura do século XIX, que é abrir mão de seus desejos. O mundo do século XIX é um mundo de renúncia. A maioria das obras de ficção funcionava como uma ponderada advertência contra os perigos das paixões precipitadas.

A formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira, uma morena, de lânguidos olhos negros, ondulosa, sedutora e suculenta é um contraste com o rapaz airoso, loiro e contemplativo. Que tipo de amante seria aquele que tinha a alcunha de coração-de-esquilo? Um homem que passava as noites de lua-cheia, em Coimbra, encostado ao parapeito da ponte, com a alma e os olhos perdidos na lua? Um sonhador incapaz de se defrontar com as fortes realidades da vida? Optou por um amor que suportasse o desgaste e a desilusão, para que permanecesse suspenso, imaterial, insatisfeito? Matias preferiu não arriscar? E se preferiu isso, o fez por supor que assim não perderia nada?

Eça de Queirós usou de todas as estratégias das histórias de amor românticas, para relatar a nada romântica história de um José Matias que contempla Elisa de sua janela.

Em *Amor de Perdição* de C. Castelo Branco, Simão e Teresa trocam juras de amor de suas janelas, e não têm contato físico algum. O mesmo acontece em José Matias, um amor que vive de olhares inflamados trocados de um jardim para o outro jardim, com um muro de permeio, com raríssimas proximidades, apenas nos encontros semanais na residência de D. Mafalda, amiga comum de ambos. Um amor espiritual. Porém, o narrador de *Amor de Perdição* narra como “aquele que sabe”, enquanto o narrador de José Matias como “aquele que não entende”, que se inquieta. Além disso, no que diz respeito ao amor, há a diferença de que em um caso há o obstáculo do mundo (*Amor de Perdição*) e no outro, não. Simão se dirige a Teresa como se ela fosse a sua cara-metade, José Matias também. Mas, como não há cara-metade nesta vida, esse não haver é escamoteado diferentemente por cada um deles. Ou seja, cada um deles denega a castração de um jeito, cada um se engana de uma maneira, cada um deles ignora o não haver relação sexual. É óbvio que isso só pode cair para o narrador como “foi o mundo” (Simão). Ou, então, com um solene ponto de interrogação (José Matias).
Afirma Queirós:

Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que [...]nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trêmulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele sim! Ele gozou nesse amor transcendente desmaterializado um encanto sobrehumano. (QUEIRÓS, 1997, p. 1605).

Em vez de usar como álibi os argumentos do romantismo, Eça, irá desmascará-los. Agora, o mundo irá colaborar com José Matias: sua Divina Elisa ficará viúva duas vezes. Não seria esta a chance para finalmente lermos o tão esperado final: casaram-se e viveram felizes para sempre? Mas não, José Matias foge e continuará fugindo de sua Deusa. Devido a sua incapacidade de colocar-se como sujeito desejante diante de uma mulher, prefere ser apenas um contemplador. Matias viverá durante dez anos uma espécie de idílio espiritual de amor. Sua satisfação era estar todo o dia a contemplar sua Deusa. Com a morte do conselheiro, o idílio de José Matias torna-se um pesadelo, de acordo com as palavras do narrador: a terra, para José Matias, tremeu toda, num terremoto [...] o Miranda [...] morreu com uma pneumonia (QUEIRÓS, 1997, p. 1606).

Foge para o Porto e não aceita nem mesmo receber Elisa. Mas por quê? As aspirações de José Matias eram apenas espirituais, talvez tivesse o medo da mulher, daquela que lhe causa desejo. Matias, ao ficar fixado por uma imagem que ele capturou, não quer que ela seja maculada. Prefere viver um amor ideal sem consumá-lo. A partir do momento em que passasse a conviver com Elisa, aquele amor se transformaria, não seria mais um amor ideal:

E todavia surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror! Como direi? Aquele olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! (QUEIRÓS, 1997, p. 1614).

Já sabes? Foi o José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no Porto, chorou [...] Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar, não quer casar! [...]. Mas então esse sublime amor do José Matias? O Nicolau, seu íntimo e confidente, jurou com irrecusável segurança: É o mesmo sempre! Infinito, absoluto [...]. Mas não quer casar!. (QUEIRÓS, 1997, p. 1608).

Elisa é uma deusa, divina e virginal está acima de todas as mulheres, e, no desenrolar da narrativa, descera do altar que José Matias a colocou. Suas três etapas são Deusa, esposa e amante. À medida que Elisa desce os degraus, Matias também inicia sua derrocada culminando com a sua morte. Ele perde o sorriso de segura beatitude, não consegue suportar o fato de sua Deusa ter se tornado a esposa de Francisco Torre Nogueira, um homem jovem, viril, e não um doente: “O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado daquele mulher que era sua”! (QUEIRÓS, 1997, p. 1609).

Eça coloca em cena o que Freud, em seu escrito sobre a Tendência universal à Depreciação na esfera do amor, irá chamar de impotência psíquica quando em determinadas pessoas a esfera do amor permanece dividida em duas direções. Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisem amar, de modo a manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam. É justamente o que acontece com José Matias. Ele quer manter Elisa na posição de Deusa, para que ela jamais possa descer de seu altar. Caso a visse como uma mulher, deixaria de amá-la. Eça, ao contrário dos românticos, que colocavam obstáculo no mundo para que seus amantes não alcançassem a felicidade, irá apresentar uma impotência no sujeito. Matias denega a castração. Ele não consegue ver que tomá-la como mulher não é sinônimo de depreciá-la. E é porque não vê isso que opta pelo que, supõe, lhe resta. Então não opta: toma este lugar distante, para o qual quer empurrá-la, como se fosse o que lhe resta. Chega a ponto de espreitar o amante de Elisa e se pergunta por que Elisa havia escolhido aquele homem. José Matias acha que aquele homem tem o que ele não tem. E é isso que não suporta. José Matias opta por um amor que não se desilude nem se farta. Caso seu amor fosse consumado, Elisa deixaria de ser uma divina Deusa. Embora Elisa tenha descido do pedestal que foi colocada por José Matias, para ele sua alma continuava intacta. E adivinha, meu amigo, como ele gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador de Obras Públicas! Sim, meu amigo! Uma curiosidade insaciada, frenética, atroz por aquele homem que Elisa escolhera!... Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa, publicamente, pela porta da Igreja, e para outros fins humanos além do amor para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ela nomeara e mantinha só para ser amada: e nessa união não aparecia outro motivo racional senão que os dois corpos se unissem.

Devemos ressaltar, o discurso moralista desse filósofo narrador, ao ironizar a última união de Elisa. Fica bastante claro, no desenrolar da narrativa, que ele é um defensor do amor conjugal, dos princípios morais cristãos, e jamais aplaudiria a última opção de Elisa. Sabemos então, muito bem, que tipo de filósofo é esse narrador. Um filósofo positivo, positivista, que não consegue, entretanto, com as suas armas, explicar e dar conta do que narra. De certa forma, ele critica o comportamento de Elisa, bem como o de José Matias, chega a concluir que ele “era um doente, atacado de hiperespiritualismo, [...] que receara apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no berço molhado [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 1610).

José Matias é escravo de uma força que se exerce dentro dele e contra ele. Seu fim só poderia ser aquele:

metido num portal na Rua do São Bento, tiritando de frio, bêbado, o que culminou com a sua morte. Parece que encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte, voltada para as varandas de Elisa. [...] Morrera [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 1616).

Cruges, um personagem d’Os Maias, tem um comportamento diante da mulher, semelhante ao de José Matias. Um pianista que vive com a mãe, “uma senhora viúva, ainda fresca, e dona de prédios na Baixa” (QUEIRÓS, 1997, p. 1189). Eça já nos dá algumas pistas a respeito do comportamento do maestro, quando hesita em convidá-lo para jantar com Cohen: “receou a cabeleira desleixada do Cruges, e alguns dos seus ataques de spleen [...]” (QUEIRÓS, 1997, p. 1145). Cruges não sabe se portar diante de uma mulher, principalmente uma “grande dame” como Maria Eduarda. Embaraça-se, fica completamente atarantado. As únicas mulheres com as quais conseguia relacionar-se eram as Lolas, as Conchas. Podemos comprovar esse traço de seu comportamento no episódio em que acompanha Carlos a Sintra. Ao encontrar uma dessas amigas, sua familiaridade com as espanholas chega a chamar atenção. “O maestro afirmou-se um momento, e partiu de braços abertos para amiga Lola. E foi, [...] uma grulhada em espanhol, grandes apertos de mão, e homem, que no se le ha visto!” (QUEIRÓS, 1997, p. 1195). Em contrapartida, quando é convidado para jantar na Toca, com Carlos e Maria Eduarda, tem um acesso de spleen, fica mudo, parece até querer conversar, mas não consegue. Rubro diante de Maria Eduarda, acaba por estragar o jantar. Cruges só consegue relacionar-se com as mulheres de má reputação, chega a transformar-se ao lado delas. Ele tenta lutar, transpor essa barreira, essa força que luta contra ele, mas não consegue:

O pobre maestro, roçando a casaca malfeita pela folhagem dos arbustos, fazia esforços ansiosos por murmurar algum elogio ‘à beleza do sítio’ ; mas escapavam-lhe então inexplicavelmente coisas reles, em calão: ‘Vista catita!’ ‘É pitada!’ (QUEIRÓS, 1997, p. 1405).

Cruges parece procurar objetos de que não precise ou não possa amar. No pouco que temos dele, em Os Maias, parece que só consegue relacionar-se com um objeto sexual depreciado e desprezado. E, em seu caso, ainda há um agravante, não acontece apenas no amor. Socialmente ele também não sabe se portar diante de uma senhora, não sabe fazer o jogo duplo como a maioria dos homens. Ele mora com a mãe, e tudo nos leva a crer que era um homem totalmente dominado por ela. Tanto que no episódio de Sintra, ao encontrar com suas amigas espanholas, acaba esquecendo de levar para a mãe as queijadinhas que esta lhe

pedira. A educação da mulher, no séc. XIX, educadora, mãe, senhora de respeito, contribuiu para que essas barreiras atormentassem os homens e para a proliferação de tipos tais como José Matias e Cruges. Esse tema contaminou o imaginário dos escritores do séc. XIX, trazendo à tona o resultado de conflitos interiores vividos por homens e mulheres. Mas onde o romantismo culpou unicamente a sociedade, Eça vem trazer uma sombra de suspeita.

Referências

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. 29ed. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela Camoniana*. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. [s.d.].

_____. *Introdução ao estudo da novela Camoniana*. V. 2, 2ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. [s.d.].

FERREIRA, Nadiá Paulo. O mito do amor sob o signo da paixão. In: DAVID, Sergio Nazar. *Paixão e revolução*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *O futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GAY, Peter. *A paixão terna*. V. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JORGE, Marco A.; FERREIRA, Nadiá P. *Freud criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MATOS, A. Campos. (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2ed. Lisboa: Caminho, 1988.

QUEIRÓZ, Eça. Os Maias. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. José Matias. In: *Obra Completa*. V. 02. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.